



Gabriella Rossetti Ferreira
(Organizadora)

Educação: Políticas, Estrutura e Organização 7

Atena
Editora
Ano 2019

Gabriella Rossetti Ferreira

(Organizadora)

Educação: Políticas, Estrutura e Organização

7

Atena Editora

2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Geraldo Alves

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

E24 Educação [recurso eletrônico] : políticas, estrutura e organização 7 /
Organizadora Gabriella Rossetti Ferreira. – Ponta Grossa (PR):
Atena Editora, 2019. – (Educação: Políticas, Estrutura e
Organização; v. 7)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-308-8

DOI 10.22533/at.ed.088190304

1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Currículo
escolar – Brasil. 3. Educação – Pesquisa – Brasil. 4. Políticas
educacionais. I. Ferreira, Gabriella Rossetti. II. Série.

CDD 370.1

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “Educação: Políticas, Estrutura e Organização – Parte 7” traz capítulos com diversos estudos que se completam na tarefa de contribuir, de forma profícua, para o leque de temas que envolvem o campo da educação.

A educação é uma atividade que se expressa de formas distintas, envolvendo processos que tem consequências nos alunos, possui métodos que precisam ser compreendidos; envolve o que se pretende, o que se transmite, os efeitos obtidos, agentes e elementos que determinam a atividade e o conteúdo (forças sociais, instituição escolar, ambiente e clima pedagógico, professores, materiais e outros) (SACRISTÁN, 2007).

O conceito de educação é inseparável do ente subjetivo que lhe dão atributos diferenciados. A educação é algo plural que não se dá de uma única forma, nem provém de um único modelo; ela não acontece apenas na escola, e às vezes a escola nem sempre é o melhor lugar para que ela ocorra. A escola deve estar pronta para atender a diversidade cultural, conduzindo a aceitação e o respeito pelo outro e pela diferença, pois se valoriza a ideia de que existem maneiras diversas de se ensinar e conseqüentemente diferentes formas de organização na escola, onde seja levado em consideração a complexidade da criação de um currículo que atenda o desafio de incorporar extensivamente o conhecimento acumulado pela herança cultural sem perder a densidade do processo de construção do conhecimento em cada indivíduo singular.

A escolaridade faz parte da realidade social e é uma dimensão essencial para caracterizar o passado, o presente e o futuro das sociedades, dos povos, dos países, das culturas e dos indivíduos. É assim que a escolarização se constitui em um projeto humanizador que reflete a perspectiva do progresso dos seres humanos e da sociedade.

Em uma escola democrática não há barreiras educacionais, eliminam-se a formação de grupos com base na capacidade dos alunos, provas preconceituosas e outras iniciativas que tantas vezes impedem o acesso e permanências de todos na escola, proporcionando um ensino de qualidade para todos, sem exclusão.

Gabriella Rossetti Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
ENSINO HÍBRIDO: A IMPORTÂNCIA DA MEDIAÇÃO PARA O ENGAJAMENTO DO ALUNO NAS DISCIPLINAS SEMIPRESENCIAIS	
Adriano Rosa Alves Eliza Adriana Sheuer Nantes	
DOI 10.22533/at.ed.0881903041	
CAPÍTULO 2	17
ENTRE A LEGISLAÇÃO E A FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES: APONTAMENTOS INICIAIS SOBRE O PPC DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA DA UFPA	
Erita Evelin da Silva Silva Wilma de Nazaré Baía Coelho	
DOI 10.22533/at.ed.0881903042	
CAPÍTULO 3	29
ENTRE METODOLOGIAS E PROJETOS DE PESQUISA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA COM LICENCIANDOS EM MÚSICA	
Elisa da Silva e Cunha Maria Cecília de Araujo Rodrigues Torres	
DOI 10.22533/at.ed.0881903043	
CAPÍTULO 4	37
ERA UMA VEZ... UM DIÁLOGO COM A LITERATURA INFANTIL E O CORPO EM MOVIMENTO	
Sára Maria Pinheiro Peixoto Ana Aparecida Tavares da Silveira Fabyana Soares de Oliveira Marcilene França da Silva Tabosa Maria Aparecida Dias	
DOI 10.22533/at.ed.0881903044	
CAPÍTULO 5	47
ESCOLA DE PALHA, DE MADEIRA OU DE TIJOLOS? A IMPORTÂNCIA DA INFRAESTRUTURA DAS ESCOLAS PÚBLICAS NA PROMOÇÃO DA PERMANÊNCIA E SUCESSO ESTUDANTIL	
Mariana Rocha Fortunato Beatriz Oliveira Duarte Simone Braz Ferreira Gontijo	
DOI 10.22533/at.ed.0881903045	
CAPÍTULO 6	56
ESCOLA EFICAZ: QUAL É O OLHAR DOS DOCENTES DAS ESCOLAS EM TEMPO INTEGRAL DE PERNAMBUCO?	
Vilma Cleucia de Macedo Jurema Freire	
DOI 10.22533/at.ed.0881903046	

CAPÍTULO 7	65
ESPIRAL DE SENTIDOS E AS REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NA ESCOLA PARA GRADUANDOS DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFRN	
<p>Josângela Bezerra da Silva Marcelo dos Santos Bezerra Elda Silva do Nascimento Melo</p>	
DOI 10.22533/at.ed.0881903047	
CAPÍTULO 8	77
ESSE PAPEL NÃO É SÓ SEU, É DA ESCOLA!	
<p>Elcio Galioni Fernanda Aparecida Loiola Barbosa Mariana Fogaça Marcelo</p>	
DOI 10.22533/at.ed.0881903048	
CAPÍTULO 9	83
ESTÁGIO SUPERVISIONADO: ANÁLISE E PERCEPÇÃO DAS AULAS DE MATEMÁTICA	
<p>Antonia Dália Chagas Gomes Cibelle Euridice Araújo Sousa Francisco Jucivânio Félix de Sousa</p>	
DOI 10.22533/at.ed.0881903049	
CAPÍTULO 10	91
ESTUDO COMO ATIVIDADE ARTÍSTICA	
<p>Adriana Vieira Lins Ciro Bezerra Claudio da Costa Alluska Souza Cavalcante</p>	
DOI 10.22533/at.ed.08819030410	
CAPÍTULO 11	100
ESTUDO E VIRTUDE: CONTRADIÇÕES NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA	
<p>Ciro Bezerra Daniella Meneses de Oliveira Arroxellas Denis Avelino Roseane Nascimento</p>	
DOI 10.22533/at.ed.08819030411	
CAPÍTULO 12	108
ESTUDO SOBRE OS PRIMEIROS PLANOS DE AULA APRESENTADOS POR ALUNOS DE UMA GRADUAÇÃO A DISTÂNCIA	
<p>Otávio Vieira Sobreira Júnior Francisco Wagner de Sousa Paula Lydia Dayanne Maia Pantoja Germana Costa Paixão</p>	
DOI 10.22533/at.ed.08819030412	

CAPÍTULO 13	118
EXAME NACIONAL PARA CERTIFICAÇÃO DE COMPETÊNCIAS DE JOVENS E ADULTOS: COMPETÊNCIA, CERTIFICAÇÃO E NEGAÇÃO	
Marcilene Ferreira Rodrigues Valdivina Alves Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.08819030413	
CAPÍTULO 14	132
EXPECTATIVA VS REALIDADE: JOVENS ALÉM DOS FONES DE OUVIDO	
Alice Luz Elisa da Silva e Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.08819030414	
CAPÍTULO 15	142
EXPERIÊNCIA SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO ENSINO SUPERIOR: O RELATO DE UMA ESTUDANTE SURDA EM UMA ESCOLA INCLUSIVA	
Cristiane Gomes Ferreira Sabrina de Azevedo Evangelista	
DOI 10.22533/at.ed.08819030415	
CAPÍTULO 16	152
EXPERIÊNCIAS ELENCADAS NO PROJETO “LETRANDO NO LUGAR ONDE VIVO!” APLICADAS NA ESCOLA MUNICIPAL DR. MILTON SOLDANI AFONSO, EM CAMPO MAIOR – PIAUÍ	
Julianna Soares de Sousa Márcia Cristina dos Santos Costa	
DOI 10.22533/at.ed.08819030416	
CAPÍTULO 17	169
EXPLORANDO O CORPO HUMANO: DISCURSOS EM LIVROS DIDÁTICOS DE BIOLOGIA DO ENSINO MÉDIO	
Jucenilde Thalissa de Oliveira Fernando Vinícius Pereira de Almeida Jackson Ronie Sá-Silva Marcos Felipe Silva Duarte	
DOI 10.22533/at.ed.08819030417	
CAPÍTULO 18	174
FALTA DE ATIVISMO DOCENTE: DESCARACTERIZAÇÃO DA PROFISSÃO - CENTRO NA EDUCAÇÃO BÁSICA	
Genilda Alves Nascimento Melo Célia Jesus dos Santos Silva Andréia Quinto dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.08819030418	

CAPÍTULO 19	185
FATORES DA EVASÃO ESCOLAR: NA ESCOLA JOSÉ DO PATROCÍNIO, DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – EJA, NO DISTRITO DE FAZENDINHA EM MACAPÁ, AMAPÁ – BRASIL	
Maria Raimunda Valente de Oliveira Damasceno Nilda Miranda da Silva Diana Socorro Leal Barreto Eliana da Silva Rodrigues Irany Gomes Barros	
DOI 10.22533/at.ed.08819030419	
CAPÍTULO 20	196
FORMAÇÃO ACADÊMICA E PROFISSIONAL DE PROFESSORES DE LIBRAS EM UNIVERSIDADES PÚBLICAS PARANAENSES	
Josiane Junia Facundo de Almeida André Luis Onório Coneglian Antônio Aparecido de Almeida Cleusa Camargo de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.08819030420	
CAPÍTULO 21	207
FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES EM CONTEXTOS VIRTUAIS: AS REDES DE COLABORAÇÃO COMO NOVAS FORMAS DE APRENDER E ENSINAR	
Ana Lúcia de Souza Lopes Marili Moreira da Silva Vieira Claudia Coelho Hardagh	
DOI 10.22533/at.ed.08819030421	
CAPÍTULO 22	219
FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES: O DIÁLOGO E A PARTICIPAÇÃO COMO PRINCÍPIOS FORMATIVOS	
Maria Perpétua do Socorro Beserra Soares	
DOI 10.22533/at.ed.08819030422	
CAPÍTULO 23	231
FORMAÇÃO CONTINUADA NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR? O LUGAR DO TÉCNICO ADMINISTRATIVO EM EDUCAÇÃO	
Nancy Costa de Oliveira Otília Maria Alves da Nóbrega Alberto Dantas	
DOI 10.22533/at.ed.08819030423	
CAPÍTULO 24	243
FORMAÇÃO CONTINUADA PARA PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO: UM ESTUDO DE CASO SOBRE O ENSINO DA DIVERSIDADE NO ESPAÇO ESCOLAR	
Oswaldo Jefferson da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.08819030424	

CAPÍTULO 25	254
FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE O ENSINO DE MATEMÁTICA E CIÊNCIAS DA NATUREZA	
Adriana Camejo da Silva Aroma Paulo Fraga da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.08819030425	
CAPÍTULO 26	265
FORMAÇÃO TÉCNICA E O ESTÁGIO SUPERVISIONADO: REFLEXÕES DA EDUCAÇÃO PERMANENTE COM A PRÁTICA	
Queila Carla Ramos da Silva Alcantara Ana de Kássia Silva Lyra Sebastião Soares Lyra Netto Jedida Severina de Andrade Melo Rosilene Tarcisa da Silva Lisboa Andréia Gilzélia de Arruda Santana Paula Helena da Rocha Silva	
DOI 10.22533/at.ed.08819030426	
CAPÍTULO 27	282
FRACTAIS COMO EIXO INTEGRADOR ENTRE AS DISCIPLINAS DE QUÍMICA E ARTES	
Samara Régia de Andrade Pascoal Eron Santos de Souza Marianne Louise Marinho Mendes Cristhiane Maria Bazilio de Omena	
DOI 10.22533/at.ed.08819030427	
CAPÍTULO 28	290
FUNÇÕES QUADRÁTICAS ATRAVÉS DE AULAS DINAMIZADAS COM <i>SOFTWARE</i> : UMA PROPOSTA PARA O EJA	
Rosângela Araújo da Silva Luana da Silva Dantas Fonseca	
DOI 10.22533/at.ed.08819030428	
CAPÍTULO 29	298
FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS PRESENTES EM PESQUISAS COM MODELAGEM MATEMÁTICA EM ARTIGOS PUBLICADOS NA REVISTA BOLEMA	
Daniel Santos de Carvalho Everton Soares Cangussu Naralina Viana Soares da Silva Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.08819030429	
CAPÍTULO 30	310
GAMIFICAÇÃO COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL	
Cristiana Marinho da Costa Janaina Alves de Lima Nathalya Marillya de Andrade Silva Josley Maycon de Sousa Nóbrega Jefferson Silva Costa Quercia Carvalho Eloi	
DOI 10.22533/at.ed.08819030430	

CAPÍTULO 31	315
GÊNERO: UMA ANÁLISE DOS MATERIAIS DIDÁTICOS EM UMA ESCOLA CATÓLICA	
Selmara Lima de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.08819030431	
SOBRE A ORGANIZADORA.....	320

ESTUDO COMO ATIVIDADE ARTÍSTICA

Adriana Vieira Lins

Escola de Referência, Integral, Maria Ivone
Santos de Oliveira, Maceió - Alagoas.

Ciro Bezerra

Universidade Federal de Alagoas – UFAL,
Maceió - Alagoas.

Claudio da Costa

Prefeitura Municipal de Campo Alegre,
Alagoas.

Alluska Souza Cavalcante

Universidade Federal de Alagoas – UFAL,
Maceió - Alagoas.

sobre a Arte como Experiência nos aproxime disso que nós gostaríamos de compreender para interpretar: a arte como expressão da experiência de muitas “atividades humanas sensíveis” inclusive como expressão da experiência vivida no Estudo.

Os próximos passos desse nosso estudo, que consiste em elevar o estudo à arte, à atividade artística; a reconhecer os sujeitos pedagógicos como artesãos de si mediados pelo estudo; que elegeu o estudo como objeto de investigação.

PALAVRA-CHAVE: arte, estudo, trabalho, sujeito pedagógico.

RESUMO: Este Artigo tem como objetivo fundamental, nossa hipótese de o Estudo ser uma Atividade Artística, compartilhando a experiência concreta empírica, vital e não abstrata (pelo menos nesse primeiro momento). Daí nos atrair a obra de *Arte como Experiência* provocada pelos sentidos, sendo executada, pelo trabalho artesanal como: pintura, música, teatro, cinema e nas letras.

Atividades artesanais vinculadas à produção de sentidos. Essa capacidade de representar a realidade do mundo e revelar suas múltiplas verdades de forma expressiva, marcadamente simbólica. Produção mediada por muitas linguagens, que afirmam traços humanos que fundam, simultaneamente, a cultura e a história. Nossa expectativa é que a visão de Dewey

INTRODUÇÃO

O objetivo em ler a obra *Arte como Experiência* do filósofo norte americano Dewey (2010) decorre da necessidade de fundamentar nossa hipótese de o estudo ser uma *atividade artística*. O que nos exige saber o que os filósofos compreendem por atividade artística. Mas compreensão concreta, empírica, vital e não abstrata, metafísica, transcendente e contemplativa (pelo menos neste primeiro momento). Daí nos atrair a obra *Arte como Experiência*, resultante, imagino, da experiência provocada pelo trabalho artesanal na pintura, na música e nas letras, mas também no teatro e no cinema. Atividades artesanais vinculadas

à produção de sentidos. Essa capacidade de representar a realidade do mundo e revelar suas múltiplas verdades de forma expressiva, marcadamente simbólica. Produção mediada por muitas linguagens, que afirmam traços humanos que fundam, simultaneamente, a cultura e a história. E isto, especialmente, desde cada lugar. Nexos que passam a se fazer presentes na consciência e no pensamento, e cada vez mais intensamente com o processo evolutivo do ser humano.

Em todas as atividades artísticas, lhes são imanentes, com uma força surpreendente, a imaginação, a criatividade e a invenção. Estas características das atividades artísticas estão imbricadas ao trabalho das mãos, do corpo e da alma, nos mais diversos espaços sociais onde esse trabalho é vivido, em plena liberdade. Nesses espaços, a tese de Frederick Taylor, de enquadrar o movimento do corpo no tempo do relógio ou cronômetro, para controlar a produtividade do trabalho, não tem o menor sentido. Porque a atividade artística exige todo o tempo do mundo, não se deixa capturar pela lógica racional que nasceu com o nascimento do relógio e do cronômetro, e que se acoplou, desde o século XVIII, às máquinas.

A racionalidade da atividade artística é antípoda à toda e qualquer racionalidade maquínica. Ela se vincula fortemente à inspiração, vontade, “razão sábia” e, sobretudo, ao sentimento de liberdade. Apenas seres humanos livres podem viver plenamente, nessas atividades, um tal sentimento, tão virtuoso. E é por isso, movidos por um tal sentimento, que podem se fundir, com prazer e bom humor, corpo, alma e ideia, na atividade artística. Estes mesmos elementos fazem explodir a química e/ou combustão do estudo.

Nossa expectativa é que a visão de Dewey sobre a *Arte como Experiência* nos aproxime disso que nós gostaríamos de compreender para interpretar: a arte como expressão da experiência de muitas “atividades humanas sensíveis”, inclusive como expressão da experiência vivida no estudo. Há, certamente, uma singularidade no estudo ser arte. É que esta atividade artística tem o ser humano como objeto e objetivo, simultaneamente. Explico: corpo, sentidos e alma são mobilizados no estudo, sempre postos em evidências, estejamos ou não conscientes deste fato, que ocorre quando estudamos. A atividade artística do estudo ocorre sobre tudo o que faz os humanos serem humanos. E nesta ocorrência o estudo conserva e atualiza a humanidade do ser humano. Daí ser justo reconhecer a estética nesta atividade artística, estética peculiar ao estudo, a “estética da existência”.

Diríamos mais, reconhecemos ser o estudo portador da estética da vida, e vivida concretamente. E que ao se apropriar de si no estudo, ao se governarem a si mesmos quando priorizam a ação de estudar, contra outras ações exigidas e demandadas socialmente, os seres humanos aprimoram a si mesmos (corpo, sentidos e mente), fazem-se artesãos de si mesmos; fazem de suas vidas uma obra de arte. E fazem tudo isso porque trabalham em si, por si e para si. E vivendo desta forma deixam de ser escravos, de trabalharem para os outros. Alienando-se de si na expropriação de seus conhecimentos. Por exemplo, como trabalhadores assalariados.

Antípoda ao trabalho escravo é o trabalho livre. Escravo é quem se obriga pelas circunstâncias ou necessidades a trabalhar para outrem. Em síntese, quem vive para trabalhar. Quem tem como fim ou é posicionado teleologicamente pelo trabalho assalariado. Na modernidade quem é posicionado assim são todos os profissionais. Profissional é o escravo atualizado, a forma social inventada na modernidade pelo capital, quem legitima e permite o capital regular todos os complexos sociais, desde o complexo do trabalho.

As profissões são necessárias à reprodução das relações sociais capitalistas; e para elas existirem como tal é necessário que se negue o estudo como atividade artística, aos sujeitos pedagógicos. Ninguém pode se ocupar das atividades artísticas com a intensão de se constituir como profissional. Ou, ao contrário, a formação profissional é diferente e contraditória à formação artística. Profissional não é artesão, é totalmente enquadrado na lógica-racional taylorista do trabalho, lógica-racional que nega ao trabalhador a liberdade de estudar. Por conseguinte, a formação teórica sólida. O taylorismo valoriza a experiência e a prática e o que idealiza como trabalhador é a figura do “gorila adestrado”. Isto é o que faz do ser humano um escravo. Portanto, todo trabalhador assalariado permanece escravo por necessidade; e é obrigado, por ser escravo, a comercializar os conhecimentos adquiridos durante o estudo. E é no mercado de trabalho, onde impera as leis da administração, contabilidade e economia de empresas, onde são expropriados os conhecimentos dos profissionais: mercadorias humanas qualificadas para o trabalho que agrega valor ao capital. Isto é, como assalariado, sob a personificação de uma profissão, o ser humano se aliena de si ao capital.

METODOLOGIA

Os próximos passos desse nosso estudo, que consiste em elevar o estudo à arte, à atividade artística; a reconhecer os sujeitos pedagógicos como artesãos de si mediados pelo estudo; que elegeu o estudo como objeto de investigação, é fazer a leitura imanente da Estética de Hegel e de Lukács. E, na sequência, estudar as obras que concebem a *literatura* como *arte*, visando nos apropriar das teorias acerca da *estética literária*¹. E por uma razão: os componentes ontológicos da *estética literária* é a leitura e a escrita, e estas, por coincidência ou não, são os componentes ontológicos do estudo. Este fato é salutar. Ele nos faz crer na nossa sanidade mental e intelectual: que não estamos “colocando chifre na cabeça de cavalo”!

Na verdade, o estudo é uma atividade artesanal feita com as mãos dos sujeitos pedagógicos. E o que é feito com as mãos? Bem, sobretudo a escrita. Estudar é ler e escrever, simultaneamente. É o que propõe o método da leitura imanente (BEZERRA 2017, 2016a e 2016b). Então, é plausível, e perfeitamente possível admitir o estudo como técnica de si, como *askesis* (VENTURA, 2008); e mesmo como “modo de vida”

1

(PIERRE HADOT, 2016a, 2016b e 1999). E, nesse sentido, como modo de vida, o estudo é indissociável de uma ética e de uma estética: ética das virtudes (SÊNECA, 2004) e estética da existência (VENTURA, 2008). Mas vivenciar a ética e a estética na atividade artística do estudo pressupõe uma política: compatibilizar a organização de nossas vidas, a ocupação com a atividade de estudar, com a organização da vida na cidade, as ocupações exigidas para conservar e fazer a cidade prosperar. Embora uma dependa da outra, em sociedades marcadas pelas desigualdades sociais, desigualdade entre classes, de sociedades que ainda se encontram na “pré- história da humanidade”, nestas sociedades as ocupações mobilizadas pela ética das virtudes existem em lutas e disputas com as ocupações mobilizadas pela ética deontológica. As ocupações são postas umas contra as outras, visceralmente. Isso nos revela também que o estudo está vinculado a uma forma de governo e a um regime de poder. Isto é, a ética e a estética, imanentes ao estudo, exigem de todas e todos que o praticam, com coragem e força, a atividade de estudar, exercerem o governo de si; e, assim, conquistar soberanamente o regime de verdade, o regime de poder do estudo (BEZERRA, 2017). Neste regime, de força e poder, impera a democracia direta e subversiva, não há quem possa representar o estudante no estudo, estudar pelo estudante, fazer pelos estudantes o que só eles podem fazer. Já aí se revela a força subversiva. A subversão do estudo está no fato de, quando estudamos efetivamente, sermos governantes e governados, de governarmos a nós mesmos. Não é possível transferir a vontade de estudar a um terceiro, ou ela se faz em nós e por nós ou simplesmente não é possível.

Mas o estudo tem implicações profundas na formação da personalidade dos estudantes (professor é apenas um estudante que teve o privilégio de envelhecer estudando) e, por conseguinte, na conformação do campo dos sentidos e das percepções humanas. Sentidos e percepções que envolvem, de uma só vez, sentimentos, sensações e palavras. Suas ausências ou práticas que desconsiderem os nexos entre essas categorias contribuem, por exemplo, para formar uma personalidade subalterna, típica dos analfabetos e analfabetos com diplomas (analfabetos funcionais). Mas esta personalidade ganha sentido no *trabalho escolar alienado*, que não se propõe superar as leituras do mundo baseadas no censo comum, nos preconceitos, leituras baseadas nas experiências cotidianas da vida, na apropriação dos sentidos provocados pelas atividades empíricas.

O estranhamento das atividades escolares é difundido pelas políticas educacionais e organizado e difundido pelo sistema estatal de escolarização. Diferente disto, vivenciar o estudo como atividade sistemática, livre das injunções curriculares, oficiais-estatais, conforma outro tipo de personalidade, a personalidade de produtor, comprometida com a formação de si vivendo com os outros no mundo. Os sujeitos pedagógicos também podem se formar estudando desta forma, mesmo as pessoas que não se dedicam a socialização, produção e apropriação de conhecimentos, nas unidades de ensino: escolas e universidades. Exemplos clássicos deste tipo de formação são as

formações vivenciadas pelos filósofos socráticos, estoicos e epicuristas. Mas também, com algumas ressalvas, a formação sugerida por Antônio Verney (1746), em sua clássica obra *O Verdadeiro Método de Estudar*.

A formação de si está comprometida com o fortalecimento do governo de si e a formação dos livres pensadores, respeitadas a autonomia e soberania do intelectual. E (é forjada numa modalidade de trabalho singular, que Pierre Hadot 2016a, 2016b e 1999) nomeou de “trabalho de si, em si, por si”, e nós sugerimos incluir o “para si”, neste tipo de trabalho singular, que é o trabalho pedagógico.

O estudo é uma “atividade humana sensível”, apropriação de conhecimentos sistemáticos, incorporáveis às pessoas em suas experiências com estudos e pesquisas. Conhecimentos que apenas indiretamente vinculam-se às atividades responsáveis à conservação da vida, e isso apenas em um momento avançado do processo civilizatório. Mas o estudo, esforço ou atividade que se objetiva em apropriar-se de conhecimentos objetivos, é imprescindível à afirmação da liberdade humana, da criatividade humana e do prazer humano, e mesmo à contemplação do belo e reconhecimento do justo. Ele potencializa a criatividade, a liberdade e o prazer, a ética e a estética, nos atos de estudar.

Entretanto, como profissão e, por conseguinte, obrigação na sociedade empresarial, anula todas essas possibilidades abertas pela dialética do trabalho. A sociedade empresarial, para existir enquanto tal, nega de forma sistemática, peremptória e persistente o estudo aos trabalhadores assalariados, como os demônios negam a cruz. O que compreende populações inteiras de professores e estudantes, que atuam em escolas e universidades.

Afirmamos que o letramento e a produção de sentidos pelos seres humanos, habitantes no planeta Terra; esta faculdade de representar racional e simbolicamente e/ou semioticamente os seres terráqueos, através de signos ou palavras, referenciadas no mundo, o que compreender por categoria, são formas de ser, formas que representam os seres habitantes no mundo, representam e significam, de fato, os conteúdos desses seres. E é isto que singulariza mais ainda o ser humano, vivendo com os outros no mundo, porque permite-o comunicar tudo o que sente e percebe em sua existência. O que sente e percebe vive e existe fora de si, mas neste sentir e perceber o ser humano descobre-se a si mesmo como ser humano, os sentidos do seu ser. É o que compreendemos como realidade: o ser, o conteúdo do ser, e as formas que os representam, as palavras que dão significado dos seres que existem fora de si. Mas estes que sentem, percebem e tomam consciência, com esses exercícios reflexivos, desta realidade, os realizadores dessas significações e produção de sentidos, no mundo e sobre o mundo vivendo com os outros, também compõem a realidade.

A realidade inclui o ser humano vivendo no mundo e os efeitos dessa existência no pensamento ou consciência. Talvez seja mais plausível pensar a interioridade humana como categoria, que envolve o pensamento, a consciência e muito mais, como o inconsciente. Portanto, todas e todos aqueles quem falam e escrevem sobre o que

pensam, sentem e agem, inclusive os próprios efeitos do que falaram e escreveram, do que sentiram, pensaram e fizeram, constituem a realidade humana, o mundo humano. E a realidade é continuamente atualizada pelos pensamentos, sentimentos e ações humanas. É o que caracteriza o que compreendemos por vida. O modo de vida humano é recursivo, pode ser feito e desfeito, inventado e reinventado, segundo a vontade e determinações dos humanos, em suas atividades. Se desejamos mudar a nossa vida, devemos mudar, necessariamente, o modo de vida, desenvolver atividades diferentes, e às vezes, contrárias, daquelas com as quais nos ocupamos.

Neste sentido a representação da realidade é também ela realidade, ou melhor, complexo social que constitui com outros complexos sociais a “totalidade complexa das múltiplas determinações do ser social”. Portanto, a representação da realidade humana, com sua linguagem própria, orientada por regras simbólicas, dinâmicas e flexíveis, porque geohistóricas, desenvolvem suas próprias categorias, nascidas nas suas dinâmicas e processos sociais, e inclusive a capacidade humana de simbolizar, produzir sentidos, para representar a realidade do mundo humano. O complexo categorial desse poder de representar socialmente o mundo humano, não humano e desumano, referenciado em realidades humanas sociogeohistóricas, propõe-se, justamente, explicar esta realidade torna-la inteligível para as comunidades humanas, comunidades específicas, mas também para o gênero humano. O complexo categorial que dá sentido legítima e orienta o regime de verdades com ideias, legítima a vida na realidade.

O ser humano é, por conseguinte, um ser reflexivo, autoreflexivo e recursivo! O que significa isso? Significa que ele pode, então, ver e rever; pensar e repensar; fazer e desfazer; afirmar e negar, falar e pensar sobre tudo, absolutamente tudo, o que faz. Ele pode mudar suas atitudes conforme as conveniências da razão, projetos e ideais baseados em crenças e verdades. Todos as pessoas que nascem, em cada geração, têm que fazer o mesmo percurso sociopsíquico, conforme todas as gerações anteriores. Ninguém pode transferir seus saberes, estes têm que ser conquistados por cada uma e cada um através do estudo. A dependência dos saberes acumulados historicamente, socializados por gerações existentes, diminuem gradativamente na medida em que as gerações emergentes amadurecem intelectualmente. Na medida em que cada uma e cada um conquista a autonomia social necessária, para existir em liberdade, com a menor dependência possível. Essa é uma conquista da soberania do governo de si que se opera no estudo. Daí porque a atividade artística do estudo ser negado às escravas e escravos.

A independência e autonomia se conquistam na medida em que o ser humano se aplica apoiado em pesquisas e estudos. Enfim, pelo desenvolvimento da faculdade da razão. O ser humano, desta forma, é um ser subjetivo que se objetiva, exterioriza todos os sentidos do seu ser no mundo, mediado pela linguagem e pelo trabalho, impulsionado por forças psíquicas, interiores, conscientes e inconscientes, que determinam a personalidade, distensionando as tensões, exteriores e interiores, que pressionam os

sentidos corporais. O ser humano conquista essa autonomia por meio da atividade artística do estudo, pela libertação da escravidão. Isto é, libertação da necessidade e do discurso cristão que afirma que o que tem valor na vida é a o pão conseguido com o suor no rosto. Portanto, o sacrifício. Bem diferente são as proposições da vida pela filosofia socrática, epicurista e estoica. Para esses o que confere dignidade humana é o bem viver, a conquista da tranquilidade da alma: não temer a deus, controlar os desejos e viver com o necessário e suficiente. A humildade socrática é outra categoria (forma de ser) importante na dinâmica do bem viver impetrado pela *askesis*.

Mas o que postulamos até aqui é demasiadamente abstrato. Uma filosofia antropológica, geral e abstrata. Ela pode até ajudar a pensar questões concretas, questões práticas e políticas, e em qualquer cidade; e até nos auxilia nas intervenções no mundo humano, de uma forma mais qualificada, e que evita cometermos muitos equívocos. Portanto, em sermos mais consequentes e errar o menos possível.

Há, entretanto, um problema concreto, presente nas sociedades modernas, industriais e capitalistas: as formas sociais personificadas pelas pessoas, necessárias para se conectarem aos processos sociais existentes, determinam como as pessoas são posicionadas, teleologicamente, no capitalismo. E elas são impedimentos reais para a conquista da emancipação humana. Um dos obstáculos mais efetivos ao projeto emancipatório na modernidade.

Então, o problema concreto que nos propomos a enfrentar decorre da contradição acima, dos obstáculos que impedem o ser humano conquistar a emancipação humana na modernidade. E ele pode ser formulado nos seguintes termos: qual o lugar do estudo e da pesquisa, da escola e da universidade e, por conseguinte, dos sujeitos pedagógicos que trabalham nestas instituições, no posicionamento teleológico das pessoas no capitalismo? Em que e como os sistemas de ensino (com seus currículos; formação de professores e estudantes; sistemas avaliativos de desempenho; e os sujeitos pedagógicos) contribuem para reforçar, socioterritorialmente, populações inteiras, vinculadas a diferentes classes e frações de classes sociais, o posicionamento teleológico das pessoas no território do capital, nas sociedades que imperam as lutas de classe?

CONCLUSÃO

As reflexões até aqui decorrerem de um diálogo crítico com a Introdução escrita por Abraham Kaplan à obra *Arte como Experiência* de John Dewey (2010). Nossos registros, insights, pensamentos reflexivos e sentimentos gerados por nossa leitura imanente são feitos tendo como referência o seguinte extrato de texto de Kaplan (2010, 9-10):

Categorizar o pensamento de Dewey nos escaninhos do pragmatismo vulgar é impróprio, da maneira mais flagrante, no que tange a sua filosofia da arte. Tal como vulgarmente concebido, o pragmatismo nem sequer pode interessar-se [9] pela

arte, pois, nessa concepção *a arte é eminentemente não lucrativa e pouco prática* – a menos que se trate de desenho industrial, decoração de interiores, propaganda ou de uma simples mercadoria que sirva para proteger da inflação [10].

Segue-se a este extrato uma enunciação de Dewey sobre a consideração de arte pela filosofia. Mas independentemente de os filósofos, com suas filosofias, se posicionarem de forma parcial ou imparcial, defendemos a tese da impossibilidade do pôr filosófico. O que equivale a assumir o estudo como modo de vida; e, portanto, modo de existir para filosofar. Para tanto, teríamos de priorizar a atividade de estudar. As escolas e universidade teriam que ganhar mais importância do que as empresas. A jornada de trabalho deveria ser reduzida sensivelmente para homens e mulheres dedicarem-se ao tempo socialmente necessário para se apropriarem de conhecimentos. Sobretudo, os sujeitos pedagógicos, professores e estudantes, deveriam se ocupar mais e efetivamente com estudos e pesquisas. O que elevaria significativamente a qualidade de ensino.

Afirmar que o estudo é uma atividade artística: “eminentemente não lucrativa e pouco prática”, contrário ao pragmatismo, parece um absurdo em nossa sociedade! Mas mais absurdo ainda é afirmar o estudo como trabalho, como labor. Atividade humana sensível realizada em si, por si e para si. A única atividade inventada pelo ser humano em que ele é objeto exclusivo de si mesmo, em que ele opera o governo de si e o aprimoramento dos meios e órgãos produtores de sentidos.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, Ciro. **Crítica à Sociologia: conhecimento e educação**. Maceió: Grupos de Pesquisa Milton Santos e Sociologia do Trabalho Pedagógico, Currículo e Formação Humana. Mimeografado. 2017. Volume I: Sociologia do Conhecimento na Modernidade; Volume II: Sociologia da Educação no Século XXI.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010

_____. **A conspiração do vampiro: pesquisa, currículo e ensino médio, técnico e profissional no Brasil**. Maceió: Grupos de Pesquisa Milton Santos e Sociologia do Trabalho Pedagógico, Currículo e Formação Humana. Mimeografado. 2017. Volume I e II.

_____. **Professores desacorrentados na cé(lu)la de aula ou Formação de si: um método para resistir e emancipar**. Maceió: Grupos de Pesquisa Milton Santos e Sociologia do Trabalho Pedagógico, Currículo e Formação Humana. Mimeografado. 2016.

HADOT, Pierre – **O que é Filosofia Antiga?** 6ª edição 2014 e 2ª reimpressão 2017, São Paulo: Edições Loyola. 2017.

HEGEL, G.W.F. **Estética**. In Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1999

LUKÁCS, G. **A arte como consciência do desenvolvimento da humanidade**. In: NETO, J. P. (Org.): *Sociologia*. São Paulo: Ática, (Coleção *Grandes Cientistas Sociais*), nº 20, 1981, p. 189-203.

SÊNECA, Lúcio Aneu. Cartas a Lucílio. **A ética das virtudes** 2.ed. Lisboa: Fundação Calouste

Gulbenkian, 2004.

VERNEY, Luís Antonio. **Verdadeiro Método de Estudar ...** Valença, Antonio Balle, 1746, t. I, a2.

VENTURA Cardoso Rodrigo **PSICANÁLISE E FILOSOFIA. A estética da existência.** Foucault e Psicanálise. Círculo Brasileiro de Psicanálise – 2008, Seção Rio de Janeiro – RJ

SOBRE A ORGANIZADORA

Gabriella Rossetti Ferreira

- Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Educação Escolar da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil.
- Mestra em Educação Sexual pela Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil.
- Realizou parte da pesquisa do mestrado no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (IEUL).
- Especialista em Psicopedagogia pela UNIGRAN – Centro Universitário da Grande Dourados - Polo Ribeirão Preto.
- Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil. Agência de Fomento: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.
- Atua e desenvolve pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade, Formação de professores, Tecnologias na Educação, Psicopedagogia, Psicologia do desenvolvimento sócio afetivo e implicações na aprendizagem.

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/0921188314911244>

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-308-8

